

## FILANTROPIA, IMPRENSA E INSTRUÇÃO PÚBLICA NA PROVÍNCIA DE MINAS

Leandro Carvalho Silva<sup>1</sup>

Vera Lúcia Nogueira<sup>2</sup>

### Introdução

Esta comunicação apresenta uma reflexão que compõe a pesquisa em nível de mestrado sobre a representação social da filantropia nas Minas Gerais do século XIX, bem como as repercussões de tal representação no processo de construção da instrução pública no período. Seu foco é o levantamento de elementos que contribuem para definir a trajetória teórico-metodológica da pesquisa a partir dos elementos da história cultural. Ao mesmo tempo, apresenta o processo de uma primeira aproximação com a imprensa do período, que é uma das fontes diretas da pesquisa. A justificativa para a abordagem da imprensa como fonte de pesquisa em história da educação tem seus fundamentos no trabalho de autores do campo, notadamente, entre outros, os artigos temáticos de Marcília Rosa Periotto. A partir de tais fundamentos, estudamos comparativamente os dados apresentados por José Pedro Xavier da Veiga (1898) sobre a imprensa mineira do século XIX, e o material atualmente disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Além disso, foi preparada uma abordagem sobre a ocorrência da expressão filantropia na imprensa do período. Neste momento da pesquisa, destaca-se a variação semântica e formas ortográficas e gramaticais deste aparecimento, bem como sua dispersão no tempo ao longo do século XIX; ato contínuo, o material levantado passará por uma análise semântica, a fim de vislumbrarmos as possíveis atribuições de sentido ao termo, que por sua vez deverão apontar para as práticas de seus usuários.

Para o exercício da exploração da imprensa como fonte de pesquisa sobre a prática da filantropia<sup>3</sup> no século XIX, bem como de sua relação com o advento da instrução pública na província de Minas Gerais, optamos por uma leitura comparada, como já referimos, de dois repositórios documentais distintos. Um deles é a Hemeroteca Digital Brasileira, ferramenta online de busca ao acervo de periódicos da Biblioteca Nacional; o outro é o artigo de José Pedro Xavier da Veiga, escrito em 1898 e intitulado *A Imprensa de Minas Gerais*. Cabe num primeiro

---

<sup>1</sup> Filósofo, assistente social, mestrando em Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Contato: nosdiasdehj@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UFMG, professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais. Contato: vlnogueira2010@gmail.com

<sup>3</sup> Utilizamos no texto a grafia contemporânea do termo, exceto quando se tratar de menção às formas ortográficas em uso no período analisado.

momento esclarecer a validade de tal proposição, e optamos por fazê-lo a partir do comentário preliminar a respeito das fontes da pesquisa, e do modo como o campo parece compreender esta variável no exercício da ciência historiográfica.

## A imprensa como fonte de pesquisa

Os estudos preliminares que contribuíram para delimitar o objeto de pesquisa, ao mesmo tempo firmaram o reconhecimento de que a Hemeroteca Digital Brasileira seria o repositório mais adequado para o acesso aos órgãos de imprensa do período analisado. De fato, logo de início observamos a assertiva de Marcília Rosa Periotto, para quem é o pesquisador quem diz ser *fonte* este ou aquele objeto; para a pesquisadora, “aquilo que prontamente é definido por fonte somente ganha esta *condição* quando se a coloca em movimento” (PERIOTTO, 2013, p. 240 - grifo nosso). Tal modo de abordar a questão das fontes pode nos levar a refletir sobre o caráter *condicional* a partir do qual as fontes são observadas, no contexto da nova historiografia, o que leva a uma dupla consequência para o andamento da pesquisa. Primeiro, ao mobilizar as fontes, na dinâmica das exigências reclamadas pelo objeto (*idem*), o pesquisador percebe mais claramente o vínculo entre a fonte e o objeto, vínculo que quanto mais sólido, mais contribui para a validação da pesquisa no campo. Segundo, permite ao pesquisador senão evitar, pelo menos minimizar os “problemas embaraçosos” (BURKE, 1992, p. 25) trazidos pela abordagem proposta pela nova historiografia, que já não percebe a fonte como portadora da verdade invariável sobre um passado completamente inteligível, mas como uma possibilidade, um *vir-a-ser*, que faz-se ato quando movido pela “forma do poder” (LE GOFF, 1982, p. 88), que é a produção da história.

Ao interrogar sobre a existência de outras possíveis fontes para a imprensa do século XIX na província de Minas Gerais, deparamo-nos com o artigo de Xavier da Veiga, elaborado ainda no correr daquele período. Não consideramos necessário, neste trabalho, explorar em profundidade as contribuições do autor para a história da imprensa do período. No entanto, para um exercício acadêmico mais qualificado, é preciso referir seu levantamento, tanto pela proximidade cronológica com o período investigado, quanto pelo posicionamento institucional a partir do qual sua escrita vem a público<sup>4</sup>.

Terá havido, na província de Minas Gerais, uma *cultura da filantropia*? Terá tal cultura, em caso afirmativo, influenciado o processo decisório que orientou a formação da instrução pública

---

<sup>4</sup> Xavier da Veiga foi o fundador e primeiro diretor do Arquivo Público Mineiro. Para leituras contemporâneas específicas a respeito do autor e sua obra, cf. SILVA (2006), FAGUNDES (2014).

no período? Para começar a fazer frente a tais questionamentos, a primeira parte da visada sobre a fonte *imprensa* consiste de uma leitura da relação entre a imprensa do século XIX e a formação da instrução pública na província, subsidiada pelas reflexões em curso no campo da história da educação. A seguir, apresentamos a trajetória que estabeleceu como fonte para a pesquisa os dados da Hemeroteca Digital Brasileira, em que pese a consciência da existência do levantamento levado a cabo por Xavier da Veiga. Depois, para esclarecer um dado adicional sobre o levantamento, apresentamos o modo como os dicionários em circulação na época informavam a grafia e o sentido do termo filantropia, para comparar com as diferentes formas ortográficas e gramaticais adotadas pelos veículos de imprensa. O último tópico deverá apresentar um mapeamento mínimo do uso do termo filantropia nos veículos de imprensa. É preciso ressaltar aqui que a abordagem dos veículos de imprensa não se restringe à apresentação de aspectos de natureza quantitativa. A sequência de uma reflexão posterior procurará levantar elementos para uma reflexão mais apurada sobre as representações da filantropia para o público da imprensa e para a instrução pública, bem como sobre as práticas que caracterizavam o ato filantrópico para o período.

### **Uma leitura da relação entre a imprensa e a instrução pública**

Propomos refletir sobre o modo de se compreender o *texto*, seguindo a proposta de Michel de Certeau, que aparece no primeiro capítulo de *A História Cultural*, de Roger Chartier. Ao posicionar-se sobre a relação entre a história sociocultural francesa e a história intelectual, Chartier diferencia dois modos de compreensão e de abordagem do texto. Uma delas, qualificada por ele como preciosa aos historiadores da literatura ou da filosofia, aponta que “o sentido de um texto nele se encontraria escondido como pérola em ostra (sendo a crítica, desde logo, a operação que traz à luz do dia esse sentido oculto)” (CHARTIER, 2002, p. 61). A outra, inspirada em Certeau, relembra que

todo o texto é o produto de uma leitura, uma *construção* de seu leitor: este não toma nem o lugar do autor nem um lugar de autor. Inventa nos textos uma coisa diferente daquilo que era a “intenção” deles. Separa-os da sua origem (...). Combina os seus fragmentos e cria o desconhecido no espaço organizado pela capacidade que eles possuem de permitir uma pluralidade indefinida de significações. (CERTEAU *apud* CHARTIER, 2002, p. 61 - grifo nosso).

Admitimos, como os autores, o papel ativo do leitor diante do texto. Esta condição é válida, por um lado, em referência ao leitor-pesquisador do tempo presente, que se atreve à prática ambiciosa de *fazer a história* ao escrevê-la, conferindo honras fúnebres e acolhendo na escrita os mortos que passaram, “sob a condição de se calarem para sempre” (CERTEAU, 2015, p.

XV). Vale também, por outro lado, para considerar o possível comportamento do leitor da época, diante do texto que lê: sujeito que mobiliza suas energias e suas intenções; que lê o texto individual ou coletivamente; que o compara com a realidade imediata que percebe; que dá aos ouvidos próximos uma versão daquele texto que leu, versão que já não é o texto originalmente acessado, mas *autoria* do leitor.

O sentido de construção, de processo aberto e dinâmico, que adquire o ato da leitura a partir da proposta de Certeau e Chartier, é que alimentam, portanto, a abordagem da imprensa proposta. Assim compreende-se que a imprensa por si não oferece uma escultura acabada do sentido e das interpretações de mundo vigentes na Minas Gerais do século XIX, já que “nenhum texto (...) mantém uma relação transparente com a realidade que apreende” (CHARTIER, 2002, p. 63). Dela partimos - primeiro observando alguns aspectos formais, e em seguida buscando pistas em seu conteúdo - não para *retratar o real*, mas para oferecer um ponto de vista possível sobre as representações que dele restaram.

Ao comentar sobre o *lócus* das formas modernas de narrativa, no contexto da nova historiografia, Peter Burke argumenta que um dos problemas que vem sendo sanado neste campo é o da aparente neutralidade do discurso do pesquisador, outrora fundamentada numa pretensamente pura objetividade do discurso científico. Para ele,

cada vez mais historiadores estão começando a perceber que o seu trabalho não reproduz “o que realmente aconteceu”, tanto quanto o representa de um ponto de vista particular (...). Os narradores históricos necessitam encontrar um modo de se tornarem visíveis em sua narrativa, não de auto-indulgência, mas advertindo o leitor de que eles não são oniscientes ou imparciais e que outras interpretações, além das suas, são possíveis. (BURKE, 1992, p. 337).

Sem abrir mão, portanto, do rigor na composição do discurso, é preciso admitir que ele é sempre incompleto, primeiro porque é *texto* e portanto cala o real; também porque é *construção*, *processo*, realizado a partir de outras construções; finalmente porque é um discurso *provisório*, produto dos limites de que participa o pesquisador, e sujeito às leis da própria história sobre a qual se pronuncia.

O uso da literatura em geral, e da imprensa em particular, como fonte documental para a pesquisa - com as respectivas implicações para o próprio exercício da investigação acadêmica - é um movimento que tem sido assinalado no campo da historiografia, por autores como Jacques Le Goff (*apud* PACHECO, 2012), Robert Darnton (*apud* BURKE, 1992) Roger Chartier (2002) entre outros. Um exemplo frequentemente citado deste uso é o estudo de Gilberto Freyre sobre os escravos nos anúncios de jornal do século XIX. Entre os pesquisadores contemporâneos da história da educação brasileira, a imprensa aparece de modo recorrente no

foco das análises. Sem pretender ser exaustivo, é possível percorrer alguns casos em que esta afirmação se mostra válida.

Considerada a partir do impacto causado pela presença dos veículos de imprensa na dinâmica do cotidiano social, a disseminação dos jornais e periódicos no século XIX, a partir do decreto régio de 13 de maio de 1808, tanto na sede do império como nas províncias, possivelmente ocasionou transformações nos hábitos, na recepção de valores e normas de conduta, na compreensão do que seria a civilidade. Para o contexto, o jornal é por definição o veículo do *progresso*, é um dos instrumentos a partir dos quais toma forma o ideário que, aos poucos, passa a animar as ações e orientar as condutas na vida social. Raquel Menezes Pacheco (2012) argumenta, neste sentido, que a presença da imprensa é índice da presença da própria ideia de modernidade, e que a leitura do periódico é vista como uma prática própria do tempo moderno, sendo assim capaz de distinguir o bárbaro do civilizado.

A pesquisadora busca indícios de práticas sociais consideradas modernas a partir de anúncios de jornal. Para a autora, “os periódicos não tinham o objetivo meramente comercial, tinham também como finalidade, influenciar o jogo político” (PACHECO, 2012, p. 102). Como consequência da finalidade de intervir no fazer político do momento, é possível derivar também a intenção dos mantenedores destes periódicos de influenciar o comportamento geral dos sujeitos leitores, e não em qualquer direção: a difusão da imprensa, como também “de associações leigas, maçônicas, filantrópicas e patrióticas” (*idem*, p. 103) anunciam a associação, possivelmente estreita, entre a imprensa, as ações filantrópicas e a modernidade.

Pacheco assinala que o desenvolvimento da imprensa, peça-chave da cultura política do século XIX, passa a exigir “maior erudição e a análise de questões relacionadas a aspectos sociais, políticos, históricos e até mesmo literários” (*idem*). O jornalista ou o panfletário, homem de letras, aparece então “como portador de uma missão ao mesmo tempo política e pedagógica”<sup>5</sup> (*idem*, p. 104). A autora aponta ainda, como evidência de suas pesquisas sobre anúncios veiculados na imprensa, “uma importante característica do povo mineiro: a constituição de uma sociedade letrada e preocupada com a formação das novas gerações” (*idem*, p. 109). Depreende-se disto que, exigindo novas posturas, apresentando novos atores sociais, sustentando práticas educativas, a imprensa configura-se como um “instrumento pedagógico eficiente para a difusão

---

<sup>5</sup> É significativo o uso do termo *missão*, frequentemente associado à metáfora religiosa que, usando a imagem do lavrador que trabalha na *messe*, refere-se ao fazer daqueles que se dedicam ao anúncio da revelação judaico-cristã. Visto a partir deste ângulo, o jornalista, supridor de uma falta objetiva e imediata (neste caso, escolas e livros), carrega consigo uma causa - a educação - oriunda de uma convicção - o progresso - e age de acordo com um motivo atrelado a uma situação social específica. Repete assim em um contexto laico o *modus operandi* do missionário religioso, ainda que não persiga os mesmos objetivos.

de um *ethos* moderno” (*idem*, p. 111), fundamentado numa visão específica de progresso, que entende um modelo de civilidade particular como prática a ser adotada por toda a sociedade, a partir do qual será possível distinguir as condutas a serem aprovadas, elogiadas e imitadas.

Marcília Periotto (2013) observa o processo de construção de uma certa ideia de nação, que perpassa - e por eles se dá a ver - os veículos de imprensa do século XIX. Sem desconsiderar que o percurso analítico da autora sobre a questão é mais amplo, reportamos aqui o trabalho de análise do *Correio Braziliense* e *O Progresso*, como exemplares que permitem o rastreamento de tal processo. Corroborando o argumento favorável ao recurso à imprensa como fonte, e reconhecendo como promissor o debate contemporâneo a respeito da preservação da memória documental brasileira, a autora assinala que, “após anos de esquecimento e em condições impróprias à preservação, os jornais foram alçados à categoria de fontes históricas” (PERIOTTO, 2013, p. 239).

Tratando do contexto da saída histórica das relações coloniais, Periotto destaca o “caráter educativo intrínseco aos discursos realizados” (*idem*, p. 240) através da imprensa. Na condição de difusores de ideias, os periódicos passam à condição de parceiros dos diversos grupos que se revezam na proximidade ou distanciamento dos mecanismos de poder - político ou intelectual - a fim de chancelar perante a coletividade suas próprias visões a respeito do ideário de nação que desejam disseminar. Deste modo, pela própria característica de sua utilidade, “os jornais comportavam uma natureza peculiar em relação aos interesses que previam ser incorporados pelos leitores: ou eram noticiosos ou doutrinários” (*idem*, p. 241); como consequência deste uso, argumenta a autora, os jornais concorreram não apenas para reproduzir as tensões, posições e percursos das ideias em circulação, mas também para possivelmente veicular “as respostas que essas mesmas épocas deram às suas pendências e necessidades” (*idem*, p. 242).

Considerando por este ângulo, é possível perceber o papel da imprensa na “formação da elite contrária aos rumos imprimidos pelos portugueses aos negócios coloniais” (*idem*, p. 245). Afirmar que a tarefa assumida pela imprensa oitocentista foi a de esclarecer a sociedade significa indicar o que se está nomeando como esclarecimento. No caso da imprensa de oposição<sup>6</sup>, esclarecer a sociedade traduz a intenção de avançar com o ideário civilizador inspirado na burguesia liberal europeia:

(...) o *Correio* não foi tão somente um jornal político, mas também um corpo teórico, informativo, admiravelmente preparado para fazer política educativa

<sup>6</sup> Conforme Periotto (2013), é o caso do *Correio Braziliense*, impresso em Londres e distribuído clandestinamente, e que visava afetar a aristocracia e os conselheiros reais.

quando reproduzia as novidades científicas da época, ou se reportava aos acontecimentos de outros países, sejam políticos, econômicos ou de natureza diversa, para os quais se esperava ressonância entre os leitores no Brasil (PERIOTTO, 2013, p. 250).

A imprensa é tomada portanto como instrumento educativo, e neste sentido, contribuinte de um processo mais amplo, que trata de dar visibilidade a uma cultura especificamente nacional: “disseminadora privilegiada de um saber ainda incógnito aos brasileiros[,] (...) a imprensa foi um dos instrumentos mais audazes no rompimento entre metrópole e colônia” (*idem*, p. 244). Assim, é possível, por um lado, considerar a ação da imprensa como *formativa*, na medida que, ao modo de uma correia de transmissão, relata práticas políticas, sociais, econômicas e culturais de um cotidiano; por outro lado, também uma ação *performativa*, uma vez que a operação de seleção do relato destas práticas não é neutra nem desprovida de intencionalidade, sendo antes um estímulo à reprodução ou à interrupção de determinadas práticas, a depender da orientação ideológica e dos interesses do grupo que patrocina e promove o jornal, revista ou periódico. A partir destas considerações é que nos acercamos dos periódicos como fonte para a pesquisa, de que passamos a tratar.

### **Apresentação da fonte**

O sentido deste levantamento, que inicia pelo viés quantitativo para, no contexto da pesquisa empreendida, desembocar para uma análise do conteúdo destas inserções, é cotejar aquilo que aparece no universo semântico do campo como a cultura da filantropia, com as pistas que as fontes históricas apresentam para a investigação, à luz da tradição teórica que orienta a história cultural.

Entre os dados disponíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional<sup>7</sup> é possível identificar, no período entre 1800 e 1899, a inserção da expressão *filantropia* em 1017 ocasiões. Este quantitativo de inserção se refere aos periódicos preservados pela instituição mantenedora da hemeroteca, dentre aqueles que circularam no período; refere-se ainda à ocorrência de seis formas ortográficas diferentes, sendo que a ferramenta de busca automática foi acionada a partir de onze diferentes possibilidades de grafia, duas delas em língua estrangeira, francês e inglês, ambas com resultado igual a zero.

Durante este momento do acesso às fontes, foi possível perceber que a oscilação no aparecimento do termo pesquisado não é fortuito ou aleatório. Antes, parece coincidir com a

---

<sup>7</sup> Levantamento realizado em março de 2018.

dinâmica do surgimento e consolidação da imprensa no período. Para evidenciar tal coincidência, além do levantamento das informações junto à hemeroteca digital, tomamos em consideração os dados sobre o surgimento da imprensa mineira, apresentados por Xavier da Veiga (1898).

Consultando os dados do Arquivo Público Mineiro e da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Xavier da Veiga empreendeu, em 1898, uma monografia destinada a apresentar um levantamento da imprensa em Minas Gerais no século XIX. Nela, o autor relata a trajetória do aparecimento das máquinas tipográficas na província, após o que apresenta uma compilação dos títulos em circulação no período, separados por data e por local de impressão. Podemos situar este trabalho, no que se refere à nossa pesquisa, como uma fonte indireta. O autor atesta, em que pese sua notável posição como criador e primeiro diretor do Arquivo Público Mineiro (SILVA, 2006, p. 02), a insuficiência de fontes para analisar com mais detalhe outras questões a respeito da imprensa mineira:

(...) a imprensa periodica em Minas caminhou em constante progressão, não só relativamente ao número de seus órgãos, mas ainda no que concerne ás condições materiaes respectivas, tiragem, circulação, variedade e interesse dos assumptos. (...) faltão-nos seguras bases estatísticas quanto aos alludidos elementos de força e vitalidade dos periódicos mineiros (XAVIER DA VEIGA, 1898, p. 195).

Para a elaboração de seu levantamento sobre a imprensa do século XIX, o autor aponta como sua fonte principal o acervo do Arquivo Público Mineiro, de que foi fundador e primeiro diretor, além do retorno de consultas à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. À leitura do artigo, não é possível afirmar com facilidade - nem se foi o caso - de quais outras fontes se serviu. Foi possível mapear, a partir da comparação entre os dados levantados por Xavier da Veiga e o acervo da Hemeroteca Digital da BN, a coincidência da presença de 280 periódicos em circulação no século XIX, mencionados pelas duas fontes, 860 publicações mencionados somente na primeira, e 437 publicações mencionados somente na segunda. O detalhamento década a década deste levantamento estará disponível na dissertação de mestrado que mencionamos na introdução deste trabalho.

## **O termo filantropia na imprensa da província de Minas Gerais**

É sustentável a afirmação de que a filantropia é um discurso frequente na imprensa mineira? Para verificá-la, é preciso dimensionar minimamente a imprensa do período, considerando pelo menos: as formas como o termo aparece graficamente na imprensa, os veículos disponíveis e em circulação no período, a amplitude de sua abrangência, e sua dispersão no território. Os



jornais em circulação na província de Minas Gerais, de acordo com o acervo disponível na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, utilizaram durante o século XIX ao todo seis formas ortográficas diferentes para *filantropia*, num total de 1017 ocorrências, como se apresenta na tabela a seguir.

Forma ortográfica	Ocorrências
Filanthropia	03
Filantropia	169
Philanthropia	34
Philantrophia	35
Philantropia	775
Phylantropia	01

Tabela 1: variação ortográfica do termo filantropia na imprensa.

Como mencionado acima, para a execução deste levantamento foram testadas, além das formas ortográficas identificadas, ainda outras três, propositadamente diferentes (*philanthrophya*, *philantropy* e *phylantrophia*), para que se chegasse ao maior número possível de usos do termo no período; tais formas retornaram resultado igual a zero. Com o mesmo objetivo, a expressão foi pesquisada ainda na tradução para a língua inglesa – *philanthropy* – e para a língua francesa – *philanthropie* – mas também não retornou ocorrência em ambos os casos.

Avançando para a análise da flutuação no volume de ocorrências do termo no período, optamos por fragmentar a apresentação dos dados levantados em seções de uma década<sup>8</sup>, a fim de poder comparar a variação da presença da filantropia na imprensa com o número de periódicos em circulação, como mostra a próxima tabela.

Período	Ocorrências do termo	Periódicos em circulação <sup>9</sup>
1820-1829	86	13
1830-1839	84	39
1840-1849	62	24
1850-1859	61	17

<sup>8</sup> Para a ausência de dados referentes às duas primeiras décadas: Xavier da Veiga (1898) detecta que a tipografia ressurgiu no Brasil exatos cinquenta anos após a proibição régia de 1747, na então capital da província mineira, Villa Rica, depois chamada Ouro Preto. No entanto, a construção da primeira máquina tipográfica apta a imprimir um periódico na província foi concluída em 1821 para, três anos depois, trazer a público o *Abelha de Itaculumy*.

<sup>9</sup> Conforme constam do acervo da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

1860-1869	188	16
1870-1879	212	79
1880-1889	175	273
1890-1899	149	399

Tabela 2: ocorrência do termo filantropia na imprensa mineira.

Como se pode notar, a partir da segunda metade do século, há um aumento significativo no número de vezes em que o termo filantropia ocorre na imprensa da província. Este aumento acompanha no geral, se bem que com certa antecipação, o incremento no número de jornais, revistas e periódicos impressos e em circulação no território.

Um dado adicional, importante para o entendimento da dinâmica dos veículos de imprensa no período, é que ao mesmo tempo em que se constata uma forte expansão da imprensa na segunda metade do século, percebe-se que este movimento ocorre na direção de uma descentralização dos veículos de comunicação, que dissemina pelo interior da província as estratégias de comunicação escrita. Isso fica demonstrado quando se considera que, nas últimas quatro décadas do período analisado, foram criados 674 peças informativas (entre jornais periódicos, gazetas revistas etc), sendo 114 (16,9%) sediadas na capital, e 560 (83,1%) no interior, enquanto nas quatro primeiras décadas do século este número perfaz respectivamente 49 (52,7%) publicações na capital, e 44 (47,3%) no interior, ainda assim concentradas em somente nove localidades.

### **Formas ortográficas e gramaticais da filantropia nos dicionários dos Oitocentos.**

O uso que uma sociedade faz de suas estratégias de comunicação e linguagem dizem do modo como desenvolvem suas relações (COSTA, 2010). Por este motivo, entendemos adequado interrogar o uso corrente da expressão filantropia, em contraste com o que então aquela sociedade denominou como adequado ou correto. Assim, dentre os dicionários que circulavam na província de Minas Gerais no século XIX, e que presumivelmente eram de uso corrente pela elite<sup>10</sup> intelectual brasileira, foi possível mapear: o *Novo Dicionário Crítico e Etymologico da Lingua Portuguesa*, de Francisco Solano Constancio; o *Novo Dicionário da Lingua Portuguesa*, de José da Fonseca; e o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de António de Moraes

<sup>10</sup> Empregamos aqui o termo *elite* tendo como referência o uso feito por Carvalho (1980), também adotado por Dolhnikoff (2005) e por Nogueira e Faria Filho (2016). Trata-se de compreender o grupamento de indivíduos, receptores de uma formação hegemônica comum, que tomam para si a tarefa de preservar a unidade nacional, valendo-se para isso de expedientes como, entre outros, a atuação política, a reserva de postos de comando, a instrução pública e a publicação na imprensa.

Silva. Os dois primeiros dicionários exibem, respectivamente, as seguintes formas gráficas para o termo *filantropia*, de que no momento nos ocupamos:

**Filantropia, Philanthropia** ou **Philantropia**, *s.f.* (*Lat., do grego philos, amigo, e anthropos, homem*), *amor da humanidade, beneficência.* (CONSTANCIO, 1836, pp. 561 e 772).

**Filanthropia ou Philanthropia**, *s.f. amor (pelos homens).* (FONSECA, 1843, [s./p.]).

Em relação ao dicionário de António de Moraes Silva, o termo *filantropia* não consta das primeiras duas edições<sup>11</sup>, de 1789 e 1813, ambas editadas em Lisboa. No entanto, na sexta edição, de 1858, observamos já a presença do termo:

**Filantropia** ou **Philantropia** (orth. phil. de Philanthropia), s. f. (do Gr. *philos, amigo, e antrôpos, homem*) Amor aos homens, da humanidade (SILVA, 1858, p. 36 e 540).

O ponto a se chamar atenção aqui não diz respeito necessariamente às várias formas gráficas que o termo *filantropia* encontra nos dicionários do século XIX. A atenção aqui recai justamente sobre a *presença* do termo nos dicionários. Sendo eles depositários não só da ortografia como também do conjunto de práticas e representações de uma sociedade, parece seguro recorrer a eles para se interrogar se determinada prática é ou não usual num período e local. Para tal afirmação, utilizamos aqui a consagrada reflexão de Roger Chartier, entendendo as representações como construção social, simbólica, inacabada e mutável. Refletindo sobre as possibilidades de uma história das práticas de leitura, Chartier afirma:

Para além das clivagens macroscópicas, o trabalho histórico deve ter em vista o reconhecimento de paradigmas de leitura válidos para uma comunidade de leitores num momento e num lugar determinados (CHARTIER, 2002, p. 131)

Assim, tanto a ausência do termo nas primeiras edições do dicionário de António de Moraes Silva - que segundo Garcia (2010) é considerado o “primeiro dicionário monolíngue do português” -, como o seu aparecimento nos dicionários disponíveis ao menos desde 1836 (caso da obra de Francisco Solano Constancio), parecem fundamentar a afirmação de que a sociedade brasileira - ou, no mínimo, a elite letrada do país - foi se acostumando, no decorrer do século XIX, a incorporar a *filantropia* como um termo participante do linguajar de seu cotidiano.

---

<sup>11</sup> Não se pretende aqui investigar exaustivamente o aparecimento do termo *filantropia* nos dicionários de época. A comparação de edições proposta é importante para fazer notar como, no decorrer do século XIX, a *filantropia* passa a fazer parte das preocupações da sociedade, a ponto de passar a figurar, num dado momento, nas obras de referência da língua portuguesa. Para um estudo sobre as modificações léxico-gramaticais entre as edições do dicionário de António de Moraes Silva, referimos o artigo de Murakawa (2006). Para uma reflexão sobre as modificações da língua relativas ao distanciamento cultural entre Brasil e Portugal, referimos o artigo de Garcia (2010).

## Considerações finais

Procuramos aqui oferecer um panorama do andamento da pesquisa que tem a cultura da filantropia no século XIX, e seus rebatimentos sobre a construção da instrução pública no período, como objeto de investigação. após explicitar as opções teórico-metodológicas que devem orientar o processo de pesquisa, procuramos fazer uma justificação da adoção da imprensa como fonte válida para o processo de pesquisa, recorrendo às considerações de Periotto (2013). Empreendemos a seguir uma leitura da relação entre a imprensa do período e o processo de construção da instrução pública, partindo de uma leitura teórica das proposições de Chartier (1991), para assinalar o que vem sendo produzido no campo da história da educação em termos desta relação. Ato contínuo, empreendemos uma breve apresentação de nossa fonte de pesquisa, subdividida em três momentos: a evidenciação da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional como fonte principal, e do artigo de Xavier da Veiga como fonte acessória; a constatação quantitativa da presença do termo filantropia nos veículos de imprensa do período, considerados a partir de sua dinâmica no tempo; e finalmente, uma reflexão sobre o uso da expressão no seu potencial revelador das práticas e representações daquela sociedade, a partir da constatação das formas ortográficas e gramaticais admitidas, comparativamente ao seu uso corrente. Com isso esperamos ter dado clareza sobre o estado da pesquisa que está em desenvolvimento, e cujo objetivo é ainda explorar outras possíveis fontes, como os relatórios de Presidentes de província, os anais da Assembleia Legislativa provincial entre outros, para assim poder oferecer ao campo, ainda que provisoriamente, um panorama sobre as práticas culturais que, no século XIX, recorriam ao discurso da filantropia com uma finalidade específica.

Duas notas conclusivas merecem constar desta comunicação. Em primeiro lugar, a constatação de dificuldades objetivas para o andamento mais a contento do processo de pesquisa. A indisponibilidade de uma ferramenta de busca online semelhante à da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, em termos de capacidade e eficácia, no âmbito do Arquivo Público Mineiro, obstou num primeiro momento o aprofundamento das buscas neste setor que, como somos levados a entender, traria ainda um importante acréscimo aos resultados aqui apresentados. Quanto à disponibilidade dos dados na referida hemeroteca, é preciso elogiar a utilidade inquestionável da ferramenta, sem no entanto deixar de notar as imperfeições que ali se encontram. É bastante frequente, por exemplo, o retorno de um mesmo periódico sob dois registros diferentes, o que dificulta muito o trabalho de coleta de dados em grande escala, como foi o caso desta fase da pesquisa. Isso porque a busca, nesse caso, retorna várias entradas

duplicadas para a base de dados, exigindo um trabalho artesanal de conferência e checagem, título a título, o que provoca lentidão no processo de pesquisa.

Associa-se a esta condição a exiguidade de tempo e demais recursos materiais para o exercício da pesquisa acadêmica, uma realidade que vem se insinuando cada vez mais fortemente no nosso país, e que encontra no presente uma situação de perigosa encruzilhada. Em que pesem as limitações, no entanto, procuramos deixar ao menos indicados os caminhos pelos quais se pode trilhar para aperfeiçoar os resultados obtidos até aqui, tarefa sobre a qual instamos à comunidade do campo que se debruce criticamente, a fim de lhe delinear melhor os contornos.

## Referências

BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992, 354p. (Biblioteca Básica)

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3a ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015. ISBN 978-85-309-3573-3

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2a ed. Lisboa: Difel, 2002, 245p. ISBN 972-29-0584-8 (Memória e Sociedade).

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. **As estórias a favor da História: as Efemérides Mineiras**, de José Pedro Xavier da Veiga. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros no século XIX**. 2a ed. São Paulo: Nacional; Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979.

GARCIA, Dantielli Assumpção. **Dois dicionários no Brasil do século XIX: uma língua brasileira ou uma mesma língua portuguesa?** Santa Maria: UFSM, Fragmentum, núm. 26, jul-set. 2010, p. 13-28. e-ISSN 1519-9894

LE GOFF, Jacques. **Reflexões sobre a História**. Trad. Antônio José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, [s.d.], publicação original 1982, 112p.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. **Léxico e gramática no Dicionário da Língua Portuguesa (1813) de António de Moraes Silva**. São Paulo: UNESP, Alfa, núm. 50(2), 2006, p. 55-67. e-ISSN 1981-5794.

PACHECO, Raquel Menezes. **Imprensa e Modernidade: algumas considerações em torno dos anúncios de jornal**. GIL, Natália; ZICA, Matheus da Cruz e; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (orgs.). **Moderno, Modernidade e Modernização: a educação nos projetos de Brasil - séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, volume 1, p. 101-113.

PERIOTTO, Marcília Rosa. **A imprensa brasileira nos oitocentos e a história da**

educação: Hipólito da Costa e o Correio Braziliense. **Série-Estudos** - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB. Campo Grande, MS, n. 36, p. 237-252, jul./dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Imprensa e educação no século XIX: as idéias de O Progresso. **I Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2000, Rio de Janeiro. Educação no Brasil: história e historiografia. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. Projeto de Brasil na imprensa pernambucana: a proposta de Miguel do Sacramento Lopes Gama para a educação das mulheres no século XIX. MESQUITA, Ilka Miglio de; BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro; NOGUEIRA, Vera Lúcia (orgs.) **Moderno, Modernidade e Modernização: a educação nos projetos de Brasil - séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015, volume 3, p. 151-180 (Coleção Pensar a Educação Pensar o Brasil. Série Estudos Históricos).

SILVA, António de Moraes. **Diccionario da Lingua Portugueza**. Lisboa: Officina de Simão Theodoro Ferreira, 1789.

\_\_\_\_\_. **Diccionario da Lingua Portugueza**. 2a. ed. Rio de Janeiro: Typographia Lacerdina, 1813.

\_\_\_\_\_. **Diccionario da Lingua Portugueza**. 2a. ed. Rio de Janeiro: Typographia de António José da Rocha, 1858.

SILVA, Marisa Ribeiro. **História, memória e poder: Xavier da Veiga, o Arconte do Arquivo Público Mineiro**. (Dissertação de Mestrado) Belo Horizonte: UFMG, 2006.

XAVIER DA VEIGA, José Pedro. A imprensa de Minas Gerais (1807-1897). **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Ouro Preto, Ano III, v. 3, p. 169-249, 1898.